

## *A história de um cão corajoso*



O gelo fazia lembrar punhais pendentes das goteiras diante da janela do meu quarto, naquele dia de inverno de 1998 em que vi Fritzzy pela primeira vez.

Nessa manhã, o nosso carro passou por campos de milho gelados e ribeiros em direção ao canil municipal.

Íamos buscar um cão.

Colei o nariz ao vidro do carro, soprei sobre o vidro frio e interoguei-me como seria o nosso futuro cão.

Daria a pata, rolar-se-ia no chão, correria atrás dos esquilos?

Cada campo que deixávamos para trás aproximava-me da concretização do meu maior desejo: ter um cão.

No canil, o barulho era infernal, ensurdecador.

Perguntava-me como faríamos para escolher um cão naquele caos canino. Depois, no meio do tumulto, o seu silêncio chamou-me a atenção.

Estava sentado, calmo e confiante, ao canto, numa jaula, aparentemente indiferente ao barulho que o rodeava.

Quando me aproximei, passou a pata pela grade e eu peguei nela.

Um cartaz por cima da jaula dizia “*Pastor Escocês*”.

Encostou o focinho à porta e eu fiz-lhe festas na cabeça.

Dez minutos depois, ei-lo sentado no banco de trás do nosso carro.

— Vai chamar-se Fritzzy — disse a minha avó, enquanto o observávamos a devorar a sua primeira refeição. — O nome do primeiro cão do teu pai.

E foi assim que foi batizado.

Fritzzy adaptou-se rapidamente à vida da nossa casinha de montanha.

Quando chegavam convidados, vinha cá fora recebê-los.

Quando os convidados iam dar um passeio de tarde, acompanhava-os cheio

de alegria.

Os serviços de acompanhamento de Fritzzy tornaram-se tão populares que o meu pai teve de arranjar uma folha de reservas para responder aos pedidos de todos os caminantes que disputavam a sua companhia.

Cinco anos mais tarde, quando vendemos a casa de campo e nos mudámos para a cidade, Fritzzy passou a desfrutar de uma reforma tranquila.

O ponto culminante do seu dia era quando eu transpunha a porta de casa ao regressar da escola. Corria, deslizava sobre os mosaicos da entrada, e saltava para os meus braços como se acabasse de ganhar a lotaria canina.

Numa sexta-feira de tarde, o meu pai anunciou que íamos sair e dormiríamos fora nessa noite. Todos os anos, íamos à sua cidade natal fazer compras e turismo. Como o carro viria carregado, o meu pai disse-me que o motel onde íamos dormir não aceitava cães. E, por isso, Fritzzy não podia ir connosco.

— Vai tudo correr bem — disse-me muito seguro. — Já lhe deixei mais comida que o habitual e também é só por uma noite. Nem vai notar que saímos.

Mas o meu coração ficou triste como a noite.

Nunca tínhamos deixado o Fritzzy sozinho de noite.

Que faria ele?

Em que pensaria?

Quando saímos, Fritzzy ficou a ver-nos lá de cima, de orelhas espetadas e a cauda a abanar como se dissesse: *“Não são de confiança!”*

Naquela noite, eu não dormi.

Só pensava no meu cão, sozinho, apavorado, perguntando-se por que o tínhamos abandonado.

Deviam ser dez horas quando regressámos no dia seguinte. Não houve receção calorosa. Nada de pulos de alegria. Fritzzy, nem vê-lo! Chegou a noite sem ele regressar. Batemos à porta de todos os vizinhos, casa a casa.

Cada aceno negativo de cabeça me aproximava do desespero.

*“Meu Deus, por favor, fazei que o Fritzzy volte são e salvo!”*, disse eu nas minhas orações naquela noite, de joelhos ao lado da cama.

Passou-se uma semana e nada de Fritzzy.

Na escola fazia um esforço por me concentrar, mas não conseguia pensar em mais nada a não ser no meu cão perdido, errando algures numa estrada deserta.

Todas as tardes vinha da escola a correr para casa.

Entrava de rompante mas era recebida pelo silêncio e o sorriso triste da minha mãe.

— Porque demora tanto a voltar? — perguntei-lhe eu um dia.

— Espera! — respondeu-me ela.

— Começo a perder a esperança — murmurei.

— Enquanto vieres à tarde a correr para casa e abrires a porta a toda a pressa, manterás a esperança bem viva! — respondeu ela ao apagar a luz.

Compreendi então que a minha esperança precisava de uma alavanca. Decidi que mesmo que desistisse da ideia de voltar a vê-lo, deixaria sempre a porta aberta à esperança.

Passou mais uma semana. E cada vez era mais difícil esperar.

Mas mantive-me firme na minha determinação.

Uma tarde, ao chegar a casa, vi a camioneta do meu pai diante de casa e perguntei-me porque teria vindo tão cedo do trabalho. Parei e reuni todas as réstias de esperança que ainda havia em mim. Abri a porta e entrei.

O corredor estava vazio mas ouvia o murmurar das vozes dos meus pais atrás da porta da cozinha.

De repente, a minha mãe entreabriu a porta apenas o suficiente para me ver.

— Bom dia, querido, tenho uma surpresa para ti — disse ela sorrindo.

Nisto, abriu a porta toda para trás e Fritzzy saltou como um javali. Escorregou na tijoleira e foi bater contra a parede, levantou-se, voltou a escorregar, conseguiu recuperar o equilíbrio e saltou para os meus braços.

Surpreendido, recuei, mas já ele me lambia a cara.

À mesa, nessa noite, o meu pai contou como o nosso valente cão tinha percorrido vários quilómetros para chegar ao consultório de um veterinário que o havia tratado, há vários anos.

Durante duas semanas, Fritzzy tinha sido alimentado, escovado e lavado esperando pacientemente que nós aparecêssemos. O veterinário ouvia rádio naquela manhã quando o anúncio do desaparecimento do nosso cão lhe despertou a atenção. Soube então quem ele era.

Nessa noite o meu pai veio ter comigo e perguntou-me se cheguei a pensar que nunca mais veria o Fritzzy.

— Não — respondi.— Eu sabia que, enquanto aquela porta ficasse aberta, mais cedo ou mais tarde ele havia de voltar!

Robert Tate Miller